

à coisa pública, sujeitos tolerantes, humildes, amorosos, corajosos, seguros, responsáveis. A segurança demanda competência científica, clareza política e integridade ética. O autor não trata da escola, enquanto instituição mas deixa escapar a sua preocupação: "A escola democrática de que precisamos não é aquela em que só o professor ensina, em que só o aluno aprende e o diretor é o mandante todo poderoso" (p. 100).

Trata-se sem dúvida de um livro muito importante, que se dirige principalmente àqueles que são professores, mas são equivocadamente identificados como "tias" ou "tios". O professor Paulo Freire, escrevendo "cartas", e conversando com amigos, coerentemente não aprofunda as explicações sobre as origens e as causas deste processo de domesticação dos educadores. Entretanto, descreve, de forma incidental, as suas causas: as características que consideramos de tipo patriarcal (doméstica) e patrimonial, que marcam a nossa convivência social e política. Recomenda a necessidade de superação de "obstáculos ideológicos", para perceber que a relação entre o eleitor e o candidato no qual ele irá votar, não deve ser de "gratidão". Assinala que o fato de "estarmos sendo uma sociedade marcante autoritária, de tradição mandonista, inequivoca inexperiência democrática, enraizada em nossa história, pode explicar nossa ambigüidade em face da liberdade e da autoridade" (p. 119). Em outra passagem, refere-se à persistência da "administração colonial", mas não explica do que se trata; recomenda, entre outras, a seguinte atitude: "É urgente que superemos argumentos como este: 'Podemos dar um aumento razoável aos procuradores, pensemos agora ao acaso, porque eles são apenas setenta. Já não podemos fazer o mesmo com as professoras. Elas são vinte mil'. Não. Isso não é argumento. O que eu quero saber primeiro é se as professoras são importantes ou não são (...)" (p. 49).

Trata-se de um livro relevante, como seria de se esperar do professor Paulo Freire, principalmente por se dirigir diretamente ao público que procura atingir, de forma coloquial, espontânea, amorosa e confiante. Este trabalho

representa um passo importante para a superação de nossa tradição de tratar assuntos de interesse público, como a educação, o respeito aos professores e aos alunos, com o desinteresse e o desprezo que vêm caracterizando este nosso passado mais recente.

## NEOLIBERALISMO, QUALIDADE TOTAL E EDUCAÇÃO

José Rodrigues\*

GENTILI, Pablo A. A. & SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: Visões críticas*. Petrópolis, Vozes, 1994. 204 pp.

O rápido esgotamento da primeira edição de "*Neoliberalismo, qualidade total e educação*" indica o grande interesse dos educadores brasileiros pela discussão da chamada "qualidade total". Para Fernández Enguita, um dos coautores, qualidade está na moda, aparecendo como uma meta compartilhada por todos, e mesmo aqueles que não se sentem confortáveis com o termo são obrigados a utilizá-lo.

Organizado por Pablo Gentili e por Tomaz Tadeu da Silva, o livro é uma coletânea de cinco textos, distribuídos por 204 páginas, de diferentes autores, a saber, Gaudêncio Frigotto, Mariano Fernández Enguita, Michael Apple, além dos dois organizadores.

"Gibi divulga liberalismo nas escolas". Com esta manchete de um grande jornal paulista, Tomaz Tadeu da Silva (professor da UFRGS) inicia o primeiro capítulo da coletânea: "*A 'nova' direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia*".

Como sempre instigante, T. T. da Silva busca apresentar alguns elementos importantes

\*Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense

para a compreensão do processo de construção da hegemonia burguesa a partir da (re)construção de expressões que organizam o pensar e o agir sobre a realidade, no caso, palavras como, "qualidade total", "modernização", "estado", "construtivismo".

O autor mostra como a chamada nova direita (denominação mais comum ao público acadêmico norte-americano) intenciona desenhar um imaginário que impeça o nascimento de categorias e utopias transgressoras da ordem capitalista.

Para Silva, tornou-se estação central - pela qual o trem da história precisa passar - a compreensão das "tecnologias de manipulação do afeto, do desejo e da cognição" que estão muito bem consubstanciadas na mídia. Fernando, o Collor de Mello, é o exemplo mais candente da utilização dessa "tecnologia".

Assim, a busca racionalista de refutação dos argumentos neoliberais são completamente insuficientes para derrotar a nova onda conservadora que se abate sobre o mundo, já que

A luta entre sistemas alternativos de sociedade não é uma luta intelectual entre autores bem intencionados para determinar qual o melhor sistema de sociedade (p. 15).

É, sim, um embate por recursos materiais, onde são utilizados os mais diversos instrumentos simbólicos e materiais.

O texto de Tomaz Tadeu da Silva sem dúvida contribui - racionalmente - para a compreensão da (re)criação do campo simbólico/discursivo. Espera-se um estudo de maior fôlego onde o autor possa aprofundar pistas tão importantes.

Seguindo na direção indicada por Silva, poder-se-ia passar à leitura do capítulo 3: "*O discurso da qualidade e a quantidade do discurso*" do sociólogo espanhol Mariano Fernández Enguita.

O autor inicia sua contribuição abordando o deslocamento do debate em educação do aspecto da "igualdade" para "qualidade", rastreando seu respectivos significados.

Enguita assinala que, embora a escola continue a ser uma instituição normatizadora e disciplinadora, passou por importantes mudanças rumo à sua real democratização (ampliação do acesso e permanência, métodos pedagógicos mais adequados, incorporação dos interesses dos educandos). Ao contrário, o mundo do trabalho

não conheceu nenhuma evolução similar: é por isso que, desde o ponto de vista dos empregados, a escola já não cumpre adequadamente sua função (p. 109).

Nessa contradição residiria a motivação das classes dominantes em atribuir à escola - mais uma vez - o papel de bode expiatório, de toda a culpa pelas derrotas no mundo da produção.

No capítulo 4, de Pablo Gentili (professor da Universidade de Buenos Aires), "*O discurso da 'qualidade' como nova retórica conservadora no campo educacional*", também segue a direção apontada pelo primeiro texto. Gentili, sempre irônico, apresenta os conceitos básicos da qualidade total no mundo dos negócios e analisa a transposição desses para o campo educacional.

O texto é particularmente importante pelo cuidado com que o autor apresenta e discute conceitos fundamentais, às vezes ignorados ou apenas conhecidos em sua superfície.

A coletânea encerra-se (cap. 5) com "*O que os pós-modernos esquecem: capital cultural e conhecimento oficial*", texto do norte-americano Michael Apple, da Universidade de Wisconsin.

No artigo em questão, Apple parte de uma ofensiva concreta - a implantação da disciplina "Educação para o emprego", que deverá mostrar aos futuros professores do Estado americano de Wisconsin as "vantagens dos sistema de livre-empresa".

Essa e as outras experiências analisadas na coletânea mostram que as investidas neoconservadoras não se dão apenas no plano discursivo, mas também no campo das políticas educacionais.

Como Fernández Enguita, Apple alerta para o papel de bode expiatório impingido à

educação e a todo o aparato público (estatal). Mais que isso, o autor chama a atenção para a atrofia da possibilidade de sequer discutir políticas públicas de educação. Deixa-se todas as decisões aos pais, acreditando-se (ou creditando-se) que a "mão invisível das consequências involuntárias fará o resto".

Justificando o título de seu artigo, Apple trabalha um dos conceitos que os "pós-modernos esqueceram": capital cultural. Para o autor, capital cultural constitui-se num conhecimento técnico/administrativo produzido na universidade voltado à busca da competição e expansão econômica - portanto, diferente daquele homônimo construído por Pierre Bourdieu. Assim, diante da finalidade deste capital cultural, a classe dominante precisa cada vez mais controlar o acesso a essa ciência (e também às patentes derivadas) e conseqüentemente, impedindo, ou pelo menos dificultando, sua apropriação por um número maior de estudantes.

O texto "*Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática*", de Gaudêncio Frigotto, poderia muito bem encerrar a coletânea, ao invés de encontrar-se como segundo capítulo. O artigo constitui-se parte integrante da tese de Frigotto apresentada no concurso de professor titular de Economia Política da Educação na Universidade Federal Fluminense.

Dada a amplitude e profundidade dos temas abordados, torna-se inviável apresentar mais detidamente seu conteúdo; assim, se buscará apenas mostrar seu amplo raio de alcance.

Frigotto busca analisar a mudança de postura dos empresários - os "homens de negócio" - frente à educação, em particular, e à formação humana, em geral. Para o autor,

A "novidade" reside, exatamente, no fato de a crítica incidir no puro e simples adestramento e na proposta da educação básica geral (p. 47).

Assim, essa "nova" postura se insere no quadro mais geral de mudança nas formas de sociabilidade capitalista proporcionada pela atual revolução técnico-científica e pelo

rompimento do regime de acumulação taylorista-fordista-Keynesiano.

Embasa toda a discussão a disputa em torno da categoria trabalho, ou seja, o debate sobre o (suposto) esgotamento dessa categoria enquanto elemento de explicação fundamental da realidade social. Frigotto participa da disputa, passando por autores tão distintos quanto Fukuyama, Offe, Kurz, Toffler e Schaff.

Também não fica de fora do texto de Gaudêncio Frigotto um dos seus temas mais freqüentes - a formação politécnica/omnilateral.

A crítica mordaz e profunda de Frigotto aos "homens de negócio" é ponto de parada obrigatória na recente produção acadêmica em educação. Espera-se, para breve, a publicação integral da tese que deu origem ao artigo em questão.

O livro "Neoliberalismo, qualidade total e educação" é uma importante contribuição ao debate e à disputa, em torno dos rumos da educação escolar e da formação humana, nessa época finissecular.

A publicação do livro aqui resenhado suscita algumas questões relevantes sobre a produção editorial acadêmica. Primeiramente, a constituição de obras coletivas que, muitas das vezes, só se mantêm coesas pelo grampo que une suas páginas. Obviamente, um nível primário de problema dessa natureza pode ser solucionado através da cuidadosa seleção de textos - o que certamente ocorreu com a obra em questão.

Coletâneas, se têm o mérito de agrupar textos conexos que ficariam dispersos, no entanto, a boa seleção de textos previamente preparados, não unifica - necessariamente - o campo dos objetivos, não elimina a repetição de aspectos analisados, não supera a insuficiência/superficialidade dos temas analisados. Curiosamente, muitas das vezes, um tema é abordado em diversos textos, porém não é trabalhado em profundidade sob a alegação de "falta de espaço".

Uma obra coletiva deveria ser - prioritamente - fruto de um trabalho coletivo, resultado de trabalho de pesquisa coletivo,

produzidos sob óticas metodológicas compatíveis e sob objetos/objetivos complementares. Mas, na verdade, no campo educacional ainda é reduzido o número de pesquisadores *seniors* que empreendem atividade investigadora em conjunto. Talvez tenha chegado o momento de essa prática acadêmica ser mais difundida.

Resta ainda perguntar aos organizadores (ou ao editor) da coletânea por que o subtítulo

“visões críticas” está grafado em dimensões tão reduzidas, passando praticamente despercebido. Será que a onda neoliberal também determinou (via mão invisível do mercado) essa diagramação? Será que os leitores - que esgotaram a primeira edição tão rapidamente, apesar do preço de capa - estariam respondendo ao canto de sereia neoconservador e buscando nessa obra uma bóia de salvação, representada pela expressão “qualidade total”?